

A experiência da guerra: o cotidiano de imigrantes alemães e seus descendentes em Curitiba durante o conflito mundial (1914-1918).

PAMELA BELTRAMIN FABRIS\*

## 1. Introdução

Prestes a completar seu primeiro centenário, a Primeira Guerra Mundial e o desencadeamento de fatos diretamente relacionados à mesma em território nacional, apresenta-se ainda como um objeto de estudo pouco privilegiado no âmbito dos trabalhos acadêmicos. Tal situação é agravada quando afunilamos a temática direcionando-a na perspectiva dos milhares de imigrantes, como, alemães, italianos, austríacos, poloneses, turcos, entre outros, que se encontravam em solo brasileiro durante este período. Certos centros urbanos, então em vias processos de industrialização, modernização e compostos por um expressivo número de imigrantes podem apresentar-se como espaços propícios para, por exemplo, análises das possíveis consequências que o já referido evento mundial desencadeou em diferentes setores da sociedade, alterando e/ou afetando as relações cotidianas. Neste sentido, este trabalho procura identificar aspectos conflitantes emergentes do contexto da Primeira Guerra Mundial na cidade de Curitiba, sentidos, principalmente, por pessoas de ascendência germânica que se encontravam na cidade.

É perceptível, ainda hoje, na capital do Paraná um discurso que perpassa há décadas por diferentes setores da sociedade: o discurso da cidade pautada quase que exclusivamente nos moldes europeus, cuja história foi marcada por imigrantes vencedores, laboriosos, e integrados, sem maiores conturbações, a sociedade. (BEGA, 2001). Indo ao encontro de tal concepção, muito se escreveu a respeito das benesses do contato dos imigrantes alemães com a sociedade local, e de suas contribuições para o desenvolvimento da capital paranaense, ao passo que aspectos conflituosos do contato entre diferentes etnias, na região curitibana, foram menos explorados pela historiografia. A busca por conflitos onde, aparentemente, eles parecem insistir em não aparecer pode revelar problemáticas e questionamentos novos contribuindo para o afastamento de uma história estacionária.

---

\* Mestranda em História pela Universidade Federal do Paraná. Bolsista do Programa Reuni.

De modo geral, o espaço temporal no qual nosso objeto está inserido, a Primeira República, é para muitos autores um ambiente farto no campo das mais variadas lutas sociais. Para Lilian Schwarz, “... a rua se converteu em local privilegiado, recebendo a moda, o *footing*, a vida social, mas também os jornaleiros, os grevistas, as manifestações políticas e as expressões da cultura popular.” (SCHWARZ, 2012:32) Este trabalho se propõe, sobretudo por meio da Grande Imprensa, adentrar nesse campo de manifestações, descontentamentos que por um período de tempo, agitaram substancialmente Curitiba.

## 2. Curitiba em tempos de guerra

*Passa hoje o aniversário de S.M. Guilherme II, o kaiser Alemão. Esta data sem a mínima dúvida é altamente auspiciosa para a numerosa colônia allemã que entre nós estabeleceu seu lar e sua tenda de trabalho. A Allemanha sempre foi um país amigo do Brasil; numerosos dos seus filhos concorrem para o nosso progresso, seja ensinando em nossas escolas, seja militando em nossos exércitos. E devemos também confessar: a Allemanha é quase que a única das grandes potencias da Europa da qual jamais recebemos qualquer agravo [...] Estampando hoje em nossas colunas o retrato do kaiser; a figura de maior destaque no cenário europeu, desejamos com isso enviar nossas felicitações, não só a colônia allemã entre nós domiciliada, como também a sua grande pátria, cuja felicidade na paz e no trabalho ardentemente desejamos.*  
(Diário da Tarde, 27 janeiro 1917)<sup>1</sup>

Aos leitores do Diário da Tarde<sup>2</sup> já era comum nos dias 27 do mês de janeiro deparar-se com a notícia do aniversário do *Kaiser* Guilherme II<sup>3</sup>. Contudo, o ano apresentado na citação acima, contem acentuadas peculiaridades. O mundo estava envolto nos acontecimentos gerados pela Primeira Guerra Mundial. O conflito, cuja duração muitos acreditavam que não se prolongaria, já entrava em seu terceiro ano. A

---

<sup>1</sup>Optou-se por manter a ortografia genuína do jornal, a fim de, consubstanciar de forma mais adequada com o período.

<sup>2</sup>Utilizamos em nossa pesquisa os jornais, Comércio do Paraná, A República, e o Diário da Tarde. Segundo Alexandre Benvenuto (2004), o “Diário” era o órgão caracterizado por suas críticas ferrenhas ao governo. E diferente, do outros dois periódicos, este não mantinha, ao menos explicitamente, conexão com partidos ou associações. A República, o mais antigo entre estes três, foi fundado em 1886, como órgão do Club Republicano. E o Comércio do Parana surgiu em Curitiba em 1912, com caráter informativo. (PILLOTO, 1976).

<sup>3</sup>Já foi possível averiguar, em pesquisas anteriores, que desde 1900 o mesmo jornal publicava com grande destaque o aniversário de Guilherme II.

posição diplomática brasileira era de neutralidade e a imprensa, ao menos teoricamente, seguia a mesma orientação. Logo, não era de se espantar que o aniversário de Guilherme II fosse mencionado no jornal curitibano, tendo em vista que habitavam na cidade centenas de alemães<sup>4</sup> e seus descendentes, amalgamados pela imprensa como membros da colônia alemã de Curitiba.

Três meses após o aniversário do *Kaiser* o mesmo jornal, ao tratar de certos boatos, que circulavam pela cidade fez a seguinte observação:

*Nós sabemos quanto o povo alemão é ousado, e disso ele deu provas nessa grande guerra da Europa. E os seus compatriotas que habitam o sul do Brasil, não desmentem o gênio perseverante e audacioso do alemão europeu. E d'elles temos a temer. (Aeroplanos voaram em terras paranaenses, 21 de abril 1917)*

O que a sociedade curitibana deveria temer da, outrora, “auspiciosa colônia alemã”? Quais poderiam ser os motivos de tal desconfiança quanto às pessoas de origem germânica naquele momento? O que de fato ocorreu, no decorrer destes três meses, e que, certamente, contribuiu para esse temor divulgado pela imprensa, foi a suspensão da neutralidade do Brasil no conflito mundial. Isso se deu após o torpedeamento do vapor “Paraná” por submarinos alemães no dia 5 de abril de 1917. A partir dessa data até o final da Primeira Guerra Mundial é perceptível uma mudança brusca no discurso de parte da imprensa da capital do Paraná. Há que se atentar que tal mudança, provavelmente, se deu, interligada ao fato de que parte da sociedade curitibana assumia uma determinada postura quanto aos alemães e seus descendentes. Uma postura sintomática de quem parecia ter identificado um elemento a ser “temido”, e, em alguns momentos, até um verdadeiro inimigo de guerra.

Em julho de 1914, com o início da guerra, o Presidente brasileiro Venceslau Brás declarou que a posição do país no conflito era de neutralidade. Contudo, segundo, Francisco Vinhosa, nossas ações (ou falta delas) eram determinadas, em grande parte, pela Inglaterra. Uma das explicações mais plausíveis para esse fato era a forte dependência econômica do Brasil em relação a esse país. Em 1916 a Inglaterra elaborou

---

<sup>4</sup> Calcula-se que em Curitiba, entre 1886 a 1939, 13,3% (NADALIN, 2001) dos estrangeiros na cidade eram de origem germânica.

e recomendou a aplicação da lista negra no Brasil. Nesta lista estavam presentes empresas alemãs, com as quais o Brasil deveria limitar relações comerciais. Em todo país eclodiram críticas a essa imposição, já que a mesma prejudicava interesses nacionais, causando problemas à economia do país.

Diversos representantes do governo, intelectuais e grande parte da imprensa, mostravam de forma explícita a preferência pelos inimigos da Alemanha, e admiravam, de diversas formas, as ações da França. Um exemplo bastante sintomático nesse sentido, é a própria criação da Liga Brasileira pelos Aliados em março de 1915, cujo presidente era Rui Barbosa<sup>5</sup>. A forte propagação das ideias que, aparentemente, mostravam o interesse da Alemanha no Sul do país, parece ter sido outro fator que influenciou na preferência brasileira pelos aliados. Mesmo que, por diversas vezes, essas ideias tenham ganhado um aspecto fantasioso, o fato é que o próprio governo brasileiro, com a eclosão da guerra, procurou averiguar essas informações. Segundo a autora Norma Breda dos Santos, em novembro de 1914:

*O Ministro brasileiro em Londres consulta o Foreign Office a fim de saber se a Alemanha havia demonstrado algum tipo de interesse com relação ao sul do Brasil. Sem poder dar nenhuma informação concreta, o governo britânico comunica, todavia, que no caso de os alemães ganharem a guerra, dever-se-ia esperar uma tentativa de estender seu domínio a outros continentes. (SANTOS, 1997:43)*

Para alguns teuto-brasileiros radicados no Brasil era hora de ajudar a “pátria mãe”. Segundo Magalhães (1998), após o início da Primeira Guerra, foi publicado um anúncio no jornal *Deutsche Zeitung*, jornal do Rio Grande do Sul, solicitando, a população teuta, contribuições a Cruz Vermelha alemã. Foi possível constar por meio da pesquisa no jornal “Der Kompass”<sup>6</sup> e das crônicas das Irmãs da Divina Providência<sup>7</sup> que tal prática também ocorreu em Curitiba. Escolas e associações promoviam bailes, festas,

---

<sup>5</sup>Em 1916, em um discurso na Faculdade de Direito de Buenos Aires, Rui Barbosa tornou internacional sua posição pró-aliados. (VINHOSA, 1990). Em Curitiba também verificamos, através da análise das fontes a criação da Liga Paranaense pelos Aliados, contudo, há escassas informações sobre a mesma nos jornais pesquisados.

<sup>6</sup>Este jornal era editado pelos padres franciscanos em língua alemã e tinha como público alvo alemães católicos e luteranos que habitavam Curitiba (apesar de ter circulado em outras cidades do Brasil). Circulou por Curitiba entre 1902 a 1941.

<sup>7</sup>Tal documento traz originalmente como título *Chronik Unserer Niederlassung in Coritiba. 1895-1944* (manuscrito). Obtive acesso tanto ao original quanto a tradução, esta não tem contem o autor.

entre outros eventos, cuja finalidade era a obtenção de capital que, por meio do Consulado alemão, seria entregue à Cruz Vermelha do *Reich*. Também neste contexto, Luz (1992), afirmou que, algumas pessoas de ascendência germânica donos de casas comerciais e de fábricas enviaram expressivas somas de dinheiro à Alemanha, o que foi encarado em Curitiba, por parte de alguns empresários e empregados, como uma afronta a população.

Um mês depois do início da guerra, o Diário da Tarde tentou afirmar sua posição de neutralidade, pois, já circulavam boatos de que a imprensa estaria ao lado dos aliados, causando descontentamento aos alemães e teuto-brasileiros. O jornal afirmou então:

*Esse descontentamento tem-se manifestado também em Curitiba, cujos órgãos de publicidade são acusados de parcialidade contra o império germânico ao relatar os acontecimentos. Em relação a alguns jornais de outras terras, essa queixa tem razão de ser, embora não seja extranhável que a imprensa do Brasil tenha decidido pendor pela nação francesa, que além de glória da raça latina, é o pharol da nossa intellectualidade. Mas quanto a imprensa do Paraná a absoluta injustiça por parte da colônia allemã. [...] Temos razões fortíssimas para amar a França; por outro lado, ao concurso dos allemães devemos a grandeza do sul do Brasil; portanto, sejamos neutros no assumpto. (A attitude da imprensa..., 17 de agosto de 1914)*

Apesar dos alemães e seus descendentes habitarem a décadas Curitiba o jornal ao se referir aos mesmos os denomina como pertencentes à **colônia allemã**. Para nós, o uso dessa expressão aponta alguns aspectos relevantes. Parece-nos que, os termos utilizados para se referir as pessoas de origem germânica variavam de acordo com a conjuntura da época. No início do conflito mundial, quando ainda não haviam ocorrido fatos mais graves envolvendo o Brasil, notamos uma generalização por parte dos jornais ao abarcarem alemães e teuto-brasileiros como membros pertencentes a uma colônia, contudo, com o envolvimento direto do Brasil no conflito outros termos passaram a ser utilizados para denominar os mesmos, um exemplo, nesta conjuntura, é o uso do termo teuto-brasileiro. Além da utilização deste, os jornais passaram, inclusive, a questionar o que significava ser teuto-brasileiro<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Essa questão será retomada ainda no decorrer deste trabalho.

Para Seyferth, “A opinião pública brasileira mostrou-se hostil à Alemanha desde o começo da guerra, [...]” (SEYFERTH, 2003: 53). Contudo, após a observação das nossas fontes, precisamos fazer alguns adendos em relação a essa colocação da autora. O Diário da Tarde, por exemplo, apresentou em alguns dias do mês de fevereiro<sup>9</sup> de 1915, publicações assinadas por Dicesar Plaisant (1915), que tinham como título, “Pela Alemanha”. Em suma, o conteúdo destas era em torno da defesa da Alemanha, apontando, por exemplo, uma história de lutas e o legado cultural que a mesma oferecia a humanidade. Também fazia referências à colônia estabelecida no Paraná que, com sua contribuição “fez o progresso desta terra”. O autor afirmava que a Alemanha não deveria ser a única responsabilizada pelo conflito mundial e criticava as políticas da Inglaterra e da França. Também, em 1915, no mês de dezembro, encontramos textos com o seguinte título: Porque amo a Germânia. Estes eram assinados por Scharffenberg Quadros, e o conteúdo se assemelhava ao de Dicesar Plaisant. Como parece indicar, tentando manter a posição de neutralidade, o Diário pendia, ora pela Alemanha, ora pelos Aliados.

Em fevereiro de 1915 o Diário da Tarde afirmou que as freiras da Divina Providência organizaram um passeio e marcharam pelas ruas da capital levando apenas a bandeira alemã. Para o jornal:

*[...] facto grandemente censural de terem as Irmãs da Divina Providencia, do collegio á rua do Rosário dado uma prova flagrante do que acima dos sentimentos, já não dizemos de brasileirismo, mas de gratidão, collocam os sentimentos do germanismo e de ingratição. Respeitamos o sentimento dos estrangeiros que aqui vivem, sem se esquecerem das suas amadas pátrias distantes; mas não podemos tolerar que esses mesmo estrangeiros menosprezem o nosso paiz, ensinado aos nossos filhos o desamor e o desrespeito pelo Brasil. (Respeitemos o nosso pavilhão, 25 de fevereiro de 1915).*

No dia 05 de abril de 1917 o Diário recebeu um telegrama, cujo conteúdo iria abalar de forma visível o cotidiano da cidade de Curitiba, marcando o início de um período de tensões. Era informado naquele dia, a perda do mercante brasileiro “Paraná”. Nessa mesma edição o jornal lamentou o ato, mas, afirmou que, preferia não discutir se a Alemanha tinha ou não o direito de torpedear navios de países neutros no conflito.

---

<sup>9</sup> Mais especificamente nos dias nos dias 12, 15, 18, 22, 23 e 24 de fevereiro.

Poucos dias depois desse fato manifestantes indignados com a postura da Alemanha passaram a organizar os chamados *meetings*<sup>10</sup>. A imprensa cobriu esses eventos, e, por diversas vezes, participou diretamente dos mesmos. Ao comentar sobre os primeiros *meetings*, o Diário da Tarde apontou que, eram organizados por acadêmicos. Estes, juntamente com o restante da população, reuniam-se nas praças, principalmente na Praça Tiradentes e na Praça Osório, promoviam longos discursos, cantavam hinos dos países aliados e a Marselhesa, e saíam pelas ruas de Curitiba carregando bandeiras das nações amigas do Brasil. Fazia parte do ritual dos manifestantes, seguir, vaiando no decorrer do caminho os estabelecimentos alemães, até as sedes dos jornais e dos consulados dos países aliados. Quando esses atos ocorriam, os representantes dessas instituições discursavam para os manifestantes; geralmente, expressavam suas opiniões sobre a guerra e sobre os alemães que se encontravam na nossa cidade.

Camargo (2006) e Silva Jr. (1994) analisaram, respectivamente, em Santos e em Porto Alegre, as manifestações de ruas que ocorreram nestas cidades também após a notícia da perda do vapor “Paraná”. Nas duas cidades o formato, o ritual, das manifestações eram muito parecidos. Nas três cidades analisadas ocorriam os seguintes eventos: protestos em praça pública, visitas a jornais e consulados, e a utilização da Marselhesa como uma espécie de lema.

Segundo Camargo (2006), naqueles momentos em que os ânimos estavam mais exaltados, qualquer ato poderia ser interpretado como uma afronta ao nacionalismo. Isso ocorreu no primeiro dia de manifestação; o jornal A República registrou que:

*O jovem Frederico Tod, brasileiro nato e de origem escocesa, assistia a manifestação de chapeo na cabeça, inadvertidamente. [...] O povo julgando tratar-se dum súbdito do Kaiser, que nos insultará, furioso avançou para o jovem, que foi atirado para dentro da vitrine da Casa Azulay, cujo vidro voou em estilhaços. (O Torpedeamento do ‘Paraná’, 11 de abril de 1917)*

O “*Der Kompass*”, pelo que as fontes indicam, foi o primeiro alvo identificado pelos manifestantes para exteriorizarem sua indignação contra a Alemanha; a sede desse

---

<sup>10</sup> “*Meetings*” era o termo utilizado pela imprensa para se referir as manifestações do contexto que estamos trabalhando.

jornal foi apedrejada logo no primeiro dia de manifestações. Contudo, outros estabelecimentos também sofreram represálias nesse primeiro dia, a saber: o “Teatro Hauer”, a “Escola Allemã”, a “Sociedade Teuto-Brasileira” e algumas casas residenciais. O “Diário” noticiou que a multidão foi contida por 20 praças, e lamentou os atos de excesso afirmando que era preciso ter mais calma com a população de origem alemã.

Nos dias de abril que se seguiram foram organizadas diversas manifestações. Segundo os jornais, mais de dois mil pessoas caminhavam pelas ruas de Curitiba cantando hinos e carregando bandeiras. Em um dos *meetings*, o orador Domingo Petrelli convidou o povo a fazer uma visita ao sapateiro Elias. Segundo boatos que circulavam na cidade, este senhor de origem germânica, estava despedindo de suas oficinas os trabalhadores brasileiros. O povo seguiu o orador e, no caminho protestavam e esbravejavam “disposições menos louváveis”. Um grande tumulto se formou em frente à casa do sapateiro, que naquele momento, segunda sua esposa não estava em casa. A presença do Chefe de polícia dispersou a multidão. No dia seguinte, os funcionários brasileiros da sapataria de Elias foram à redação do *Commércio do Paraná* para declarar que até o presente momento ninguém havia sido despedido.

Esse caso que acabamos de enunciar, juntamente com outros que aparecerão no desenrolar do trabalho, são compostos por um fator bastante comum nesses momentos de tensões, a saber: a disseminação de boatos. Estes alimentavam a imaginação de muitos, e serviam como espécies de combustíveis que impulsionavam os atos hostis. Camargo (2006), ao falar sobre os eventos em Santos afirmou que, os boatos que a imprensa ajudava divulgar causavam momentos de pânico, “(...) fabricando imagens fantasiosas que estimulavam o medo e, portanto, necessidade de reagir contra um estado de coisas ameaçador.” (CAMARGO, 2006).

Em suma, sobre as manifestações em Curitiba ocorridas no mês de abril, os jornais registraram *meetings* nos dias: 09, 10, 11, 12, 15, 18, 24 e 25. No dia 15, ocorreu o grande comício que, segundo os jornais, chegou a reunir mais de 20 mil pessoas nas ruas que, cantavam e se emocionavam carregando bandeiras dos países aliados e protestando contra a Alemanha. É difícil sugerir uma precisão quanto a essa quantidade



numérica de participantes realmente ativos nos atos, ou seja, levamos em conta aqui, também a enorme quantidade de gente que acompanhava os protestos por curiosidade ou outro motivo qualquer, não estando todos, necessariamente envolvidos politicamente e/ou ideologicamente aos atos contra estabelecimentos e instituições de origem germânica na cidade.

Se por um lado não podemos precisar a real intenção de todos os manifestantes, por outro, foi possível constatar que a multidão despertou medo na população alemã e teuto-brasileira. No dia 12 de abril, por exemplo, o jornal A República publicou que diversos negociantes alemães e teuto-brasileiros haviam solicitado ao Chefe de Polícia garantias aos seus estabelecimentos, entre eles Antonio Schneider, diretor do outro jornal alemão de visibilidade na cidade, o “*Der Beobachter*”.

Atos de violência também pareciam, de certa forma, ser tolerados por órgãos da imprensa naquele momento. Exemplificamos com a publicação do Comércio do Paraná com a notícia “Aventuras do Anacleto”, um:

*[...] minúsculo homem, falador e beberrão, que quando bebe tem a mania de se preocupar com as cousas magnas da política nacional [...] Anacleto fôra preso. E sabem os leitores porque? Pelo facto de ser patriota em excesso. Meio alcoolizado, o nosso heroe tentou agredir aos teutos aqui residentes. Pobre Anacleto, nem patriota pode ser! (Aventuras do Anacleto, 10 de abril de 1917).*

Ainda no mês de abril constatamos mais alguns eventos marcantes. No dia 18 de abril de 1917 foi publicada no Diário da Tarde a matéria “O germanismo no Paraná”. Nesta, havia as seguintes informações: os três deputados teuto-brasileiros, Bertholdo Hauer, Alfredo Heisler e Nicolau Mader, agiam de acordo com os ideais do Kaiser; entre os redatores do “*Der Kompass*” estava um oficial reformado da marinha alemã, e este junto com os padres franciscanos conspiravam contra a segurança nacional; tanto o “*Der Kompass*” quanto o “*Der Beobachter*” funcionavam como órgãos do imperialismo alemão; as filhas do comerciante alemão Carlos Quentel, residentes em Curitiba, desejavam ver a Alemanha dominar “[...] o sul do Brasil para cuspir no rosto dos brasileiros.” (Diário da Tarde, 18 de abril de 1917). Pouco tempo decorrido após essa matéria, o Comércio do Paraná afirmou ter recebido informações de que na redação do “*Der Kompass*” funcionava uma estação radiotelegráfica. Para se ter uma ideia do

alcance e da seriedade que esses fatos pareciam assumir na época, destacamos a reação do Chefe de Polícia: este não permitiu que os manifestantes “empastelassem” o “*Der Kompass*” após a circulação dessas notícias, isso porque, era preciso averiguar os fatos e revistar o local.

Ora, de fato, todas essas notícias e boatos elucidam um ambiente tomado por uma emergente desconfiança que a sociedade atribuía aos indivíduos de origem germânica. Talvez a desconfiança fosse fomentada por um não entendimento, ou não aceitação, naquele momento, de ter que conviver com pessoas que se autodenominavam “teuto-brasileiras”. Nesse sentido, o *Comércio do Paraná* publicou um intrigante apontamento, com a seguinte matéria:

*A denominação teuto-brasileira aos descendentes de alemães não se justifica nem perante a lei, nem em face do sentimento cívico que deve ser definido e único. Com a permanência de semelhante situação moral, fica o chamado teuto-brasileiro com duas meias pátrias e, conseqüentemente, com duas portas abertas para a defecção, para a traição. [...] Assim, a expressão teuto-brasileira sobre ser anphibia é a todo ponto perigosa naquilo que diz respeito a integridade do carácter nacional. Chegamos ao instante de definir posições: ou brasileiro ou alemão. Pão pão, queijo queijo. (Pão pão, queijo queijo – Não há teuto-brasileiros, 21 de abril de 1917)*

Também, na última semana de abril sugeriram diversas notícias relacionadas à atuação da igreja católica alemã em Curitiba. Para o *Diário da Tarde*, os franciscanos e as freiras da ordem da Divina Providência estavam agindo de acordo com as ambições do *Kaiser*. O jornal acusou os membros da igreja de “teuto-brasileiros de caráter dúbia e agressivo”, demonstrando que o descontentamento para como pessoas “teuto-brasileiras” parecia estar, naquele momento, evidentemente em voga. Além disso, o jornal constatou que essa identidade dúbia fazia parte de mais uma das artimanhas do “perigo alemão”<sup>11</sup>.

No dia 25 de abril o “*Diário*” enunciou a seguinte notícia: “O germanismo no sul do Brasil. Disfarçados em missionários de Deus, os missionários do *Kaiser* ‘trabalham’.” (*DIÁRIO DA TARDE*, 25 de abril de 1917). Segundo tal matéria, o padre

---

<sup>11</sup> Para diversos autores, entre eles René Gertz, o “Perigo alemão” foi difundido pela França, Inglaterra e Estados Unidos como uma estratégia política pensada no contexto do Imperialismo. Em suma, consistia em alertar os países, principalmente da América Latina, das intenções imperialistas da Alemanha e apontava para os perigos de manter colônias alemãs homogêneas e isoladas.

Stanislau Trzeptowski, redator do jornal “*Gazeta Polska*”<sup>12</sup>, não era polonês, mas sim um alemão disfarçado e seu verdadeiro nome era Otto Kahlen. Segundo o “Diário”, este se passava por Stanislau Trzeptowski para disseminar entre os colonos poloneses a germanização e as pretensões do *Reich* em anexar a seu território o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e o Paraná. Além disso, o jornal afirmou que o órgão polonês havia insultado Rui Barbosa<sup>13</sup>. Uma multidão dirigiu-se até a sede desse jornal cujo estabelecimento fora totalmente apedrejado, “não restando uma vidraça”. Não satisfeitos, a multidão decidiu arrancar uma placa da redação, encarregando o menor Manoel Bittencourt a realizar a tarefa. Segundo o “Diário”, os guardas presentes no local não concordaram com este ato e resolveram interceder. A confusão então foi generalizada, e o povo munido de cassetetes, bengalas e etc., partiram para um confronto com a polícia. No final, diversos policiais e manifestantes saíram feridos e foi decretada a prisão do menor Bittencourt.

As notícias que eram publicadas nos jornais davam respaldo para as ações dos manifestantes. As freiras da Divina Providência, após uma série de “ataques”, registraram suas impressões:

*Nos primeiros três meses tudo ocorreu conforme estávamos acostumadas. Ninguém imaginava a tormenta que estava formando devido a situação política brasileira, ocasionando o corte das relações diplomáticas entre a Alemanha e o Brasil. O povo brasileiro aproveitou a ocasião para demonstrar o seu ódio o qual já estava escondido contra o povo alemão. Diversas manifestações de rua aconteceram naquele tempo, principalmente na Rua do Rosário, uma vez até com apedrejamento da nossa casa. Mas graças a rápida intervenção da polícia somente uma das janelas foi quebrada. Em uma das classes nós achamos também uma bala de pistola a qual tinha sido atirada contra nossa casa. (Chronik Unserer Niederlassung in Curitiba, 1917). (grifo nosso).*

Esse trecho das “Crônicas” nos parece bastante significativo. Ora, é bem provável que essas memórias tenham sido escritas no calor dos acontecimentos. Logo, precisamos considerar que os sentimentos das pessoas diretamente envolvidas, certamente, estavam abalados diante da complexidade da situação. Contudo, tal trecho sugere um fator que, no mínimo, levanta uma série de questões. O que significava a

<sup>12</sup> Jornal da comunidade polonesa de Curitiba.

<sup>13</sup> Rui Barbosa era nesta época um dos líderes da Liga de Defesa Nacional, entidade nacionalista, criada em 1915 e que também atuava em Curitiba, com líderes como Hugo Simas.

afirmação feita pelas freiras, de que a população brasileira já carregava um ódio aos alemães antes da guerra? Teriam sentido as freiras a proximidade de vários intelectuais, alguns políticos e parte da imprensa pela França? Qual a imagem que a população brasileira foi formando no decorrer dos anos em relação aos imigrantes alemães e seus descendentes? Enfim, como se deu a experiência dos contatos no decorrer das décadas entre pessoas de origens diversas em Curitiba? Esse trabalho não tem como responder essas questões, mas ao apontá-las acreditamos estar cumprindo parte do dever do historiador, a saber: apontar novos problemas a partir da interpretação das fontes.

De maio a outubro do ano de 1917 eclodem na imprensa questões relacionadas à necessidade de nacionalizar as escolas alemãs. Também, é expressiva a quantidade de matérias relacionadas às ambições imperialistas no sul do Brasil.

Em outubro, após o torpedeamento de mais dois navios, o Brasil declarou guerra à Alemanha. Talvez esse período possa ser caracterizado como um dos momentos de maior tensão na história dos alemães e seus descendentes em Curitiba até aproximadamente o desenrolar dos anos de 20, momento com outra conjuntura, mas igualmente marcado por tensões entre os grupos. Nas palavras das Irmãs da Divina Providência:

*Nos últimos dias de outubro aconteceu a declaração de guerra do Brasil para com a Alemanha. Agora estourou o ódio e a perseguição contra a descendência alemã. Diariamente apareciam nos jornais artigos difamadores contra imigrantes alemães e a Alemanha, em geral. Também nós não fomos poupadas. Os jornais e principalmente o Diário da Tarde, a República e o Comércio do Paraná, publicavam as maiores difamações contra nós e a nossa escola. Pior ainda acontecia aos sacerdotes alemães e principalmente aos franciscanos. Líamos e ouvíamos diariamente expressões como esta: Morra a Alemanha. Morra o Kaiser. Morram as freiras alemãs. Abaixo os padres. A língua alemã foi proibida. Em qualquer lugar público, bonde, ônibus ou casa, estavam anexadas as palavras “é proibido falar em língua alemã.” Também na nossa querida igreja alemã silenciou a oração em alemão e também os hinos em alemão como também os sermões. [...] Era a lei do silêncio que tomava conta de nós. O martírio se tornava cada vez mais sério [...]. Curitiba, a tão querida, se tornou uma cidade muito difícil para todos os descendentes de alemães.*

*(Chronik Unserer Niederlassung in Coritiba, 1917)*

Os *meetings*, após a entrada do Brasil na guerra tornaram-se mais violentos. No dia 28 de outubro de 1917, as associações *Verein Thailia* e *Handwerker Unterstützungs Verein*, o Teatro Hauer, e a “Escola Allemã” foram invadidos pela multidão. Bandeiras da Alemanha, retratos do *Kaiser*, e outros ornamentos foram arrancados desses locais e

queimados em uma grande fogueira na Rua XV. Em seguida a multidão dirigiu-se até o “*Der Kompass*” que foi “empastelado” e incendiado. Nas crônicas temos o seguinte relato:

*Ouvimos a notícia que duas classes do convento franciscano e também as dependências da instalação gráfica do Der Kompass foram totalmente destruídas. Quadros, instrumentos musicais, mapas, globos geográficos e objetos de valor foram roubados das salas de aula. No maior silêncio possível as pessoas colocaram a tipografia em chamas e quando foi dado o alarme, apesar da vinda dos bombeiros, não foi mais possível resgatar os pertences da tipografia. [...] Também nós não fomos poupadas. Não demorou muito foram quebradas as mais diversas vidraças do nosso colégio. Os móveis e quadros foram tomados. A bandeira alemã foi difamada em praça pública e depois queimada. Destruições semelhantes também aconteciam em outros locais e clubes como no Handwerker Unterstützungs Verein, ou a Deutscher Saengerbund e etc. (Chronik Unserer Niederlassung in Coritiba, 1917)*

No dia 29 de outubro o Diário da Tarde publicou uma matéria afirmando que os teuto-brasileiros, em especial o deputado Alfredo Heisler, estavam se organizando e fazendo uma relação do que havia sido destruído pelos brasileiros para enviarem os resultados ao governo “boche”<sup>14</sup>. No dia seguinte o jornalista do Diário da Tarde Gastão Faria interpretou o ato do deputado teuto-brasileiro como uma afronta, uma intromissão de um estrangeiro na “nossa” política, e pedia que o mesmo fosse cassado. Afirmou também, “Bem como o senhor Heisler todo o indivíduo que sente correr-lhes nas veias o sangue alemão, é alemão, não devendo, portanto, merecer a nossa generosa confiança.” (DIÁRIO DA TARDE, 31 de outubro de 1917).

Quanto às medidas oficiais estabelecidas, segundo o Chefe de Polícia, por questão de segurança, as seguintes resoluções foram anunciadas:

*Art. nº12- As sociedades alemãs ficaram impedidas de funcionar até segunda solução. Art. nº 13- Não será permitida nenhuma reunião de súbditos alemães. Art. nº 14- [...] a) a nenhum alemão será dada licença para commerciar em armas. b) nenhum commerciante poderá vender armas a súbdito allemão, sem que este exhiba permissão dada pela polícia. (Relatório do Chefe de Polícia. 1917. p. 24.) Art. nº 15- É vedada a residência de allemães nas proximidades de Quartéis, Fortalezas ou em qualquer ponto que os domine, sempre que a autoridade entender prejudicial aos interesses nacionaes. (Relatório do Chefe de Polícia. 1917: 24)*

<sup>14</sup>Segundo Haroldo Camargo (2006), “boches” era um termo pejorativo que os franceses utilizavam para designar os alemães. Esse termo foi pouco utilizado pelo Diário da Tarde durante os três primeiros anos da guerra, o que nos ajuda a constatar o enrijecimento do discurso e o clima de hostilidade da época.

Ao anunciar a elaboração do documento “Salvo-Conducto”, o Chefe de Polícia, Lindolpho Pessoa da Cruz Marques, justificou que:

*No intuito de exercer maior vigilância e impedir a espionagem e os planos insidiosos que os inimigos da nossa pátria e dos nossos aliados costumam por em prática, tornei obrigatória a prova de identidade para as pessoas que quisessem viajar no Estado [...]” (Relatório do Chefe de Polícia, 1917, p. 24.)*

Ao conceder o “Salvo-Conducto” às pessoas que desejavam viajar, seus nomes ficavam registrados no documento “Desertores”.

Após o estabelecimento das medias oficiais as manifestações e atos contra alemães e teuto-brasileiros diminuíram. As autoridades pareciam cumprir seu dever, e, por vezes, chegaram a efetuar prisões, como essa descrita pelo “Diário”:

*E toda vez que seis súbditos do Kaiser, se reúnem e esgotam seis dúzias de bier, lá vai Deutschland über alles... Os guardas passaram pelos boches e pediram para as manifestações cessar, mas... ‘Goth unter uns, und bier auch’. Foram presos. (Deutschland über alles..., 29 outubro 1918).<sup>15</sup>*

### 3. Considerações Finais

Na elaboração desse trabalho buscamos resgatar resquícios de um evento pouco conhecido na história dos contatos sociais, no ambiente curitibano da segunda década do século XX. Se por um lado, o Brasil pouco se envolveu diretamente nas batalhas que ocorriam no “Velho Mundo”, por outro, as consequências desse evento internacional foram duramente sentidas no cotidiano da capital paranaense, sobretudo para pessoas de origem alemã.

Grande parte dos estudiosos que notaram na imigração alemã diversos elementos para análises concordaram, ao menos em partes, que o processo de sociabilidade do

---

<sup>15</sup>A frase “*Deutschland über alles*” (Alemanha acima de tudo) faz parte da canção “*Das Lied der Deutschen*” (A canção dos alemães), criada por August Heinrich Hoffmann Von Fallersleben, em 1841. Mais tarde, trechos da mesma, formaram o hino nacional da Alemanha. *Goth unter uns, und bier auch*, poder ser traduzido (tradução livre) como: Deus entre nós, e cerveja também.

imigrante germânico com a população majoritária foi, no mínimo, carregado de polêmicas. E, neste sentido, parece-nos que este trabalho não fugiu a esta perspectiva.

Estudar imigrantes alemães e seus descendentes no período da Primeira Guerra Mundial significa também adentrar em um campo repleto de estigmas e particularidades. Ao esmiuçar as fontes, elementos que compõe a complexidade da conjuntura emergiram. Foi possível, por exemplo, constatar um período conturbado da história dos contatos entre pessoas de origens diversas no decorrer dos quatro anos da “Grande Guerra” na capital do Paraná. Marionilde Brephol (2001) e Etelvina Trindade (1996), em trabalhos cujo foco de abordagem não era a Primeira Guerra em si, discorreram brevemente sobre o referido tema. Para tais autoras, os fatos ocorridos na cidade de Curitiba durante este período foram, em linhas gerais, implicações do emergir de um patriotismo desencadeado pelas consequências da guerra que se passava do outro lado do oceano. Embora, o despertar de um sentimento de amor á nação possa, de fato, ser um instrumento para análise de contextos marcados por um clima de hostilidade e desconfiança entre grupos de origens diversas, tais contextos podem também carregar indícios que apontam e/ou sugerem peculiaridades das relações de sociabilidade construídas por um processo histórico (harmonioso ou não). Ou seja, se não é possível descartar as motivações patriotas que pairavam no referido momento, também, talvez não seja igualmente apropriado sintetizar a problemática resumindo-a simplesmente em atos de ação e reação provocados pelo momento da guerra. Em outras palavras, é possível que tais momentos de tensão na sociedade sejam reveladores de certas normas<sup>16</sup>, práticas, costumes que, devido às peripécias do contexto, emergiram; levantando uma série de questões que constituem elementos importantes para uma melhor compreensão da história dos contatos entre grupos de diferentes procedências.

A especificidade do ofício historiográfico, frente a outras narrativas do passado, talvez se ache no processo de pesquisa, ou seja, o historiador produz um conhecimento histórico que segue métodos, os quais fundamentam sua estrutura argumentativa conclusiva extraída dos vestígios do passado, nas fontes. Considerando essa condição,

---

<sup>16</sup> Ao apontar tal ideia dialogo com Edward P. Thompson (2000). Para este autor, situações consideradas atípicas, como motins, por exemplo, podem ser reveladoras das normas surdas de uma sociedade.

nos embasamos em certos fundamentos teóricos de Jacques Revel. Como nos adverte este historiador francês, a narrativa é um recurso que a História utiliza, “É um das maneiras possíveis de contribuir para a construção e para a experiência de uma inteligibilidade dos objetos que o historiador estuda, (...) inseparável da elaboração crítica de uma interpretação.” (REVEL, 2010: 233). Atentos a esses aspectos, imersos nas balizas da história social (sem com isso excluir os demais campos historiográficos), buscamos, então, contribuir para a história dos contatos sociais, tendo em vista relações conflitantes geradas a partir dos mesmos, durante a conflagração de um evento de ordem internacional, a Primeira Guerra Mundial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEGA, M. T. S. **Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e a construção de identidade regional**. 2001. 444 f. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

BENVENUTTI, A. F. **As reclamações do povo na Belle Époque: a cidade em discussão na imprensa curitibana (1909-1916)**. 2009. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/1446>> Acesso em: 29 de maio 2009.

CAMARGO, H. L. **Santos, 1917: guerra, conflitos internos e “boches atrevidos”**. Disponível em: <<http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=39>>. Acesso em: 20 de fev. 2012.

COLATUSSO, D. E. **Imigrantes alemães na hierarquia de status da sociedade luso-brasileira (Curitiba, 1869 a 1889)**. 2004. 102 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

GERTZ, R. **O perigo alemão**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1991.

MAGALHÃES, M. B. de. **Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil**. Campinas: Unicamp / Fapesp, 1998.

MAGALHÃES, M. B. **Paraná: política e governo**. Curitiba: Secretária de Estado de Educação, 2001.

NADALIN, S. **Imigrantes de Origem Germânica no Brasil: Ciclos Matrimoniais e Etnicidade**. 2. ed. Curitiba: Aos Quatros Ventos, 2001.

PILOTTO, O. **Cem Anos de Imprensa no Paraná (1854-1954)**. Curitiba: Edição do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1976. REVEL, Jacques.



Recursos narrativos e conhecimento histórico. In: REVEL, Jacques. História e Historiografia : exercícios críticos. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SANTOS, N. B. dos. Relações Brasil-Alemanha, 1914-1919. In: MENEZES, A; KOTHE, M. (org.) **Brasil-Alemanha, 1827-1997** : perspectivas históricas, 170 anos da assinatura do Primeiro Tratado de Comércio e Navegação : anais do II Seminário de Estudos Teuto-Brasileiros, Brasília, 1997.

SEYFERTH, G. A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira. In: SILVA JUNIOR, A. L. O Povo X der Pöbel. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade e história. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.

SCHWARZ, L.M. (org). **História do Brasil Nação**. Editora Objetiva, 2012. V.3

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

TRINDADE, E.M **Clotildes ou Marias**: mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

VINHOSA, F. L. T. **O Brasil e a Primeira Guerra Mundial**: a diplomacia brasileira e as grandes potências. Rio de Janeiro: IHGB, 1990.

#### **FONTES PRIMÁRIAS**

JORNAL Diário da Tarde. Curitiba. 1914-1918

JORNAL A República. Curitiba. 1914-1918

JORNAL O Comércio do Paraná. 1914-1918

Crônicas das irmãs da divina providência (*Chronik Unserer Niederlassung in Coritiba*). Curitiba. 1914-1918

Relatório Chefe de Polícia. 1917